

Conflito Interno e Transferência de Recursos nos Estados Unidos: Mobilização e extração de recursos sob o governo Ronald Reagan (1981-1988)

Internal Conflict and Resource Distribution in the United States: Mobilization and resource extraction under Ronald Reagan (1981-1989)

GUSTAVO FORNARI DALL'AGNOL¹

Resumo: Após a crise da década de 1970, as elites norte-americanas reorganizaram o modo pelo qual extraíam recursos da sociedade. Sob o *neoconservadorismo*, o Estado de bem-estar social foi desmantelado e recursos foram transferidos para o setor militar. O presente estudo problematiza a estratégia dessas elites que lograram êxito no referido processo. Para tal, conceitua-se o *neoconservadorismo* e mapeia-se os diferentes grupos de influência que compõem essa força política que, até os dias atuais, permanece decisiva no processo de tomada de decisão em política externa e segurança nos Estados Unidos. Posteriormente, faz-se uma análise do *Strategic Defense Initiative (SDI)* do governo Ronald Reagan como estudo de caso revelador desse modo de extração de recursos. O presente artigo visa a mostrar como as elites neoconservadoras mobilizam a sociedade e seus principais grupos de interesse para triunfar em sua estratégia.

Palavras-chave: Estados Unidos; complexo industrial-militar; neoconservadorismo.

Recebido em:
23 de Janeiro de 2018

Received on:
January 23, 2018

Aceito em:
18 de Julho de 2018

Accepted on:
July 18, 2018

DOI:10.12957/rmi.2017.32372

Abstract: Since the 1970's crisis, the north-american elites reorganized the way in which they extracted society's resources. Under *neoconservatism*, the welfare state was dismantled and resources were transferred to the military. The present paper problematizes the strategy of those elites which were triumphant in the referred process. For that, *neoconservatism* is conceptualized and the different influence groups that compose this political force are mapped. *Neoconservatism* is, up to the present, a decisive force in the decision making process of foreign policy and security in the United States. In the sequence, the paper analyzes Ronald Reagan's *Strategic Defense Initiative (SDI)* as a revealing case study of this way of resource extracting. The present study aims at showing how the neoconservative elites mobilizes society and its main interest groups in order to succeed in their strategy.

Keywords: United States; military-industrial complex; neoconservatism.

¹Doutorando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). **Endereço para correspondência:** Rua Rogério Fajardo, N.180, Apto 802, Bairro Anchieta, Belo Horizonte - MG, Brasil. **E-mail:** gustfd@gmail.com

Introdução

O presente trabalho visa a compreender e analisar a atuação das elites econômicas e políticas estadunidenses na definição e implementação da agenda de segurança dos governos aqui denominados com influência *neoconservadora*. Muito embora, na perspectiva do presente estudo, possa-se caracterizar os governos de Ronald Reagan, George W. Bush e Donald Trump influenciados por correntes *neoconservadoras*, delimita-se, aqui, a temática proposta no governo de Ronald Reagan (1981-1989) e, em especial, o programa *Star Wars*, ou *Strategic Defense Initiative (SDI)* como estudo de caso revelador do *modus operandi neoconservador*. No advento do SDI, o governo Reagan implementava uma política macroeconômica de austeridade, com cortes de gastos sociais e desregulamentação dos direitos trabalhistas. Apesar do cenário econômico, tanto o SDI quanto os demais programas que constituíram o maior *military build-up* desde a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos foram implementados com apoio dos principais grupos de interesse e da população norte-americana. É dessa aparente contradição que surge a problemática deste artigo, a saber: como,

em um cenário de disputa doméstica por recursos e austeridade, o governo tem êxito em ampliar substancialmente seus gastos em defesa?

Cabe, nesse momento, uma ressalva de natureza teórico-metodológica. O presente estudo reconhece a centralidade das variáveis domésticas na formulação e definição da agenda de segurança e política externa². Desse modo, o estudo buscará incorporar tais variáveis, como: a atuação dos *lobbies e think tanks*, as grandes empresas, a opinião pública, o alto escalão governamental e os grupos de oposição política, para melhor analisar o objeto em questão. Reconhece-se a complexidade envolvida na análise dos fenômenos internacionais³, bem como a imensa gama de atores domésticos envolvidos na formulação da agenda de segurança. No entanto, pressupõe-se e se argumenta que, para a definição da agenda, faz-se necessário um alto grau de coesão entre as elites do país, conforme apontam Milliband (1982), Dreifuss (1987) e Schweller (2006). Para melhor responder a problemática de pesquisa proposta, o presente estudo buscará, primeiramente, definir o *neoconservadorismo* e demonstrá-lo como importante força no cenário político estadunidense. Além

² O debate acerca dos atores domésticos responsáveis pela definição da agenda em política externa e segurança passa

por: Putnam, 1988; Katzenstein, (1976); Ripsman, Talliaferro, Lobell, (2016); Mintz, DeRouen (2010).

³ Ver Jervis (1997).

disso, far-se-á uma análise da estratégia mais geral do *neoconservadorismo* e do modo que o mesmo “resolve” o velho dilema *guns or butter*. Argumentar-se-á que as elites ligadas ao *neoconservadorismo*, em especial aquelas do complexo industrial-militar⁴, conseguem mobilizar e extrair recursos da sociedade através da construção de ameaças, mobilizando *lobbies*, *think tanks*, universidades e grandes empresas. Em consequência, grandes contratos nas áreas de ciência e tecnologia são firmados através do gasto público e geram *spin offs* para a economia, em uma espécie de *keynesianismo militarista*. Na seção subsequente, analisar-se-á esse processo no advento do SDI e do governo Ronald Reagan através da análise documental, revisão de literatura e levantamento de dados econômicos do período. Após um ano da posse de Donald Trump, observa-se que o *modus operandi neoconservador* permanece *práxis* sólida no governo norte-americano. Grande parte das forças políticas presentes no governo de Ronald Reagan seguem orgânicas ao Estado norte-americano nos anos George W. Bush e Donald Trump. É, portanto, necessário compreendê-las a fim de

tornar inteligível a atuação norte-americana nos dias atuais.

1- Neoconservadorismo: militarismo e austeridade

O presente tópico tem como objetivo conceituar e analisar o fenômeno *neoconservador* e sua agenda. Nas décadas de 1960 e 1970, espalharam-se pelos Estados Unidos – em especial nos *campi* universitários - movimentos progressistas atrelados à luta pelos direitos civis e a resistência à guerra do Vietnã. Foi em meados da década de 1970 que surgiram grupos que rejeitavam esses movimentos, alegando que os mesmos não representavam os valores tradicionais norte-americanos. Esses grupos propunham outra agenda para solucionar a crise em que se encontrava os Estados Unidos naquele período. Ganham destaque William Kristol e Robert Kegan, classificados por Michael Harrington como “liberais que mudaram de lado”, ou *neoconservadores*, cunhando o termo pela primeira vez (Teixeira 2010, p. 26). Analisar-se-á, a seguir, o surgimento e consolidação do *neoconservadorismo* como importante força na definição do processo de decisão em política externa e segurança nos Estados Unidos. Para tal,

⁴ O termo complexo-industrial militar foi primeiramente utilizado pelo presidente Dwight Eisenhower em seu discurso de despedida em que advertiu aos norte-americanos: “Nós fomos compelidos a criar uma indústria de armamentos

permanente e de grandes proporções”. Eisenhower clamou para que “nos conselhos do governo, nós devemos nos defender contra a influência não autorizada ou justificada do complexo industrial-militar” (Eisenhower, 1961).

discutir-se-á os pilares da ideologia *neoconservadora* e a agenda proposta e implementada pelos mesmos.

1.1- Origens do neoconservadorismo

É fundamental compreender a ascensão do *neoconservadorismo* diante da sua conjuntura histórica. A década de 1970 representou, para os Estados Unidos, uma época de crise. Dentre os principais fatores da crise, estavam: o fracasso dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã; a concorrência industrial com a Alemanha e do Japão; o fim do padrão dólar-ouro; a elevação dos preços de petróleo pela Organização de Produtores de Petróleo (OPEP) em 1973 e 1979; a ocupação soviética do Afeganistão e a Revolução Iraniana (1979). Diante de tal cenário, muitos teóricos anunciavam o fim da hegemonia norte-americana Kindleberger (2013), Kennedy (1989) e Arrighi (1996). Como se viu mais tarde, essa predição não se confirmou⁵. Diante da crise, a agenda *neoconservadora* surgiu como possível solução para o mau desempenho econômico e enfraquecimento do poder norte-americano. Tal agenda constitua, principalmente, na defesa do nacionalismo; excepcionalismo dos Estados Unidos; unilateralismo e militarismo.

Em termos de filosofia política, o *neoconservadorismo* diferencia-se do conservadorismo tradicional, identificado com Edmund Burke, entre outros. Não há, para os *neoconservadores*, uma nostalgia ao passado em termos culturais ou econômicos. Há a necessidade de se conservar os valores da supremacia norte-americana, a democracia e as bases da sociedade judaico-cristã que se instalou nos Estados Unidos. De acordo com Wolfson (2004, p. 216) “de forma geral, tradicionalistas olham para Edmund Burke, libertários, para Hayek ou Smith, e os *neocons*, para Alexis de Tocqueville. Kristol (2004, p. 35) afirma que os neoconservadores “tendem a buscar um guia intelectual na sabedoria democrática de Tocqueville”. Tocqueville viu, nos Estados Unidos, uma nação singular, excepcional. A referência à excepcionalidade e ao modelo democrático da nação norte-americana viria a justificar a liderança dos Estados Unidos no sistema internacional e seu direito de intervir em outros Estados. Isso é particularmente verdadeiro para os *neoconservadores*.

A postura geral e a normatividade dos *neocons* deriva da percepção dos Estados Unidos como país excepcional. Dessa forma, seus protagonistas olham para

⁵ Ver Fiori, Medeiros, Serrano (2008) e Tavares (1997).

Theodore Roosevelt como um modelo a ser seguido e defendem o unilateralismo na condução da política externa. Caberia, aos Estados Unidos, a liderança no sistema internacional através de sua estratégia e, por consequência, a rejeição dos fóruns multilaterais, pois, para os neocons, os Estados Unidos não deveriam negociar com países não democráticos, por exemplo. Além disso, o multilateralismo implicaria em:

(...) reduzir a liberdade de ação dos Estados Unidos, tornando-os subservientes, dependentes e restringidos pela vontade e interesses de outras nações. Amarrar Gulliver com milhares de cordas. Domesticar o mais indomesticado, o mais extensivo interesse nacional do planeta - o nosso (Krauthammer 2004, p. 6).

A defesa global dos interesses norte-americanos passa pela promoção e preservação da democracia, segundo os neocons. Para os mesmos, os valores dos Estados Unidos seriam componentes de uma ética universal *auto evidente*. Os Estados Unidos, vistos como líderes naturais do sistema internacional e promotores de uma ética universal, justificam, além da intervenção em outros países em defesa de tais princípios, a manutenção de um gigantesco aparato militar para defesa e policiamento do sistema como um todo. Dessa forma, nos governos em que esse grupo obteve

influência, como o de Reagan e o de George W. Bush, houve um exponencial aumento dos gastos militares, como será visto mais adiante. Os *neocons* atuam através de *think tanks* para promover seus interesses, como, por exemplo, o *Project for the New American Century* (PNAC)⁶ fundado por Kagan e Kristol. Especialmente interessante para este artigo é a abordagem *neoconservadora* quanto a um sistema de defesa antimísseis. Kagan e Kristol falavam que a construção de um sistema de defesa antimísseis seria condição *sine qua non* para a estratégia de preservação da hegemonia norte-americana:

Apenas um Estados Unidos razoavelmente bem protegido de chantagens de armas nucleares, biológicas ou químicas poderá moldar o ambiente internacional de acordo com seus interesses e princípios (Kagan; Kristol 2000, p. 17).

A militarização contínua proposta pelos *neocons* suscita um apoio orgânico dos mesmos às elites ligadas à produção de armamentos, como se verá mais adiante neste estudo. No entanto, para a realização de um *military build-up* da envergadura defendida pelos *neocons*, fez-se necessário, mediante à crise econômica dos Estados Unidos, que o Estado de bem-estar social do pós-Segunda Guerra Mundial fosse desmantelado. Diante do

⁶ O sítio do PNAC pode ser acessado em:
<https://web.archive.org/web/20130112203305/http://www.wamericancentury.org/>.

dilema *guns or butter*, outro movimento ideológico casou perfeitamente com a proposta *neoconservadora*: o neoliberalismo.

1.2- Guns or Butter?

A crise dos anos 1970 significava a crise da “era de ouro” do capitalismo pós Segunda Guerra Mundial, fundado no padrão ouro-dólar, na regulamentação das finanças e na ampliação dos gastos estatais em programas de bem-estar social. Diante de tal cenário, o *neoliberalismo*⁷ surgiu como importante corrente contrária a intervenção do Estado na economia. O programa *neoliberal* consiste em corte de gastos do Estado, privatizações, desregulamentação das finanças⁸, corte dos tributos e flexibilização trabalhista. O *neoliberalismo* pode ser concebido como uma redistribuição de recursos em favor

das elites, especialmente dos setores ligados à alta finança.

Para os neocons, a ideologia neoliberal significava a solução do dilema *guns or butter* na medida em que os mesmos propunham a transferência dos gastos sociais para o setor militar. Com a posse de Ronald Reagan, em janeiro de 1981, o projeto *neoconservador* chegou à Casa Branca. Os anos 1980, nos Estados Unidos, significaram no plano doméstico: a repressão dos sindicatos, como ficou evidenciada no caso da greve dos controladores de voo; a política tributária em favor dos ricos com o *Economic Recovery Tax Act*, de 1981, e o *Tax Reform Act*, de 1986, e na transferência dos recursos para os setores ligados ao complexo-industrial-militar.

Tabela 1: Transferência de recursos sob o neoconservadorismo em % dos gastos totais

Função / ano	1968	1972	1976	1980	1984	1988
Defesa Nacional	46,0	34,3	24,1	22,7	26,7	27,3
Recursos Humanos	33,3	46,5	54,8	53,0	50,7	50,1
Educação e Treinamento	4,3	5,4	5,1	5,4	3,2	2,9
Saúde	2,5	3,8	4,2	3,9	3,6	4,2
Medicare	2,6	3,2	4,3	5,4	6,8	7,4
Seguridade de Renda	6,6	12,0	16,4	14,6	13,3	12,2
Seguridade Social	13,4	17,4	19,9	20,1	20,9	20,6
Benefícios aos Veteranos	3,9	4,6	5,0	3,6	3,0	2,8
Recursos Físicos	9,0	8,5	10,5	11,2	6,8	6,4
Energia	0,6	0,6	1,1	1,7	0,8	0,2
Recursos Naturais	1,7	1,8	2,2	2,3	1,5	1,4
Comércio e Crédito Imobiliário	2,4	1,0	2,0	1,6	0,8	1,8
Transporte	3,5	3,6	3,7	3,6	2,8	2,6
Desenvolvimento Regional	0,8	1,5	1,5	1,9	0,9	0,5
Juros Líquidos	6,2	6,7	7,2	8,9	13,0	14,3
Outras Funções	10,0	8,2	7,3	7,6	6,5	5,4
Assuntos Internacionais	3,0	2,1	1,7	2,2	1,9	1,0
Ciência, Espaço e Tecnologia	3,1	1,8	1,2	1,0	1,0	1,0
Agricultura	2,6	2,3	0,8	1,5	1,6	1,6
Administração da Justiça	0,4	0,7	0,9	0,8	0,7	0,9
Governo Geral	1,0	1,3	2,6	2,2	1,4	0,9
Receitas não Distribuídas	-4,5	-4,2	-3,9	-3,4	-3,8	-3,5
Gastos Federais Totais	100	100	100	100	100	100

Fonte: Historical Tables. Budget of the U.S. Government. (citado por Mello 2010, p.120)⁹.

⁷Para boa definição do *neoliberalismo* ver Harvery (2008).

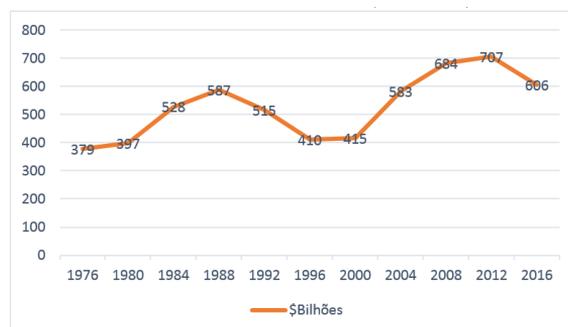
⁸Outro fenômeno que andou *pari passu* com o *neoliberalismo* foi o da *financeirização*. Ver Chesnais, (1998, p. 12).

⁹ Os gastos governamentais, com séries históricas mais completas e projeções para os anos futuros do governo

Durante o período que vai de 1980 a 1988¹⁰, os gastos militares saltaram de \$138,1 bilhões para \$293 bilhões, com destaque para os primeiros anos da série histórica, já que, em 1982, o valor já havia aumentado para \$213,6 bilhões. Cabe destacar que o ano em questão foi de crise econômica e austeridade. A estratégia econômica do governo rompeu com os governos anteriores no sentido de não utilizar a expansão da renda dos trabalhadores como variável de sustentação do crescimento¹¹. A expansão da demanda agregada através dos gastos do Pentágono, com investimentos em pesquisa e desenvolvimento de alta tecnologia, garantia de demanda e proteção contra competição estrangeira pode ser considerada o próprio elemento dinâmico do desenvolvimento capitalista dos Estados Unidos (Zegveld; Enzing 1987, p. 78). Apesar da retórica de Reagan, o Estado continuou a ser o principal estimulador da economia dos Estados Unidos. Isso foi possibilitado graças à capacidade de endividamento (externo e interno) do governo, já que o dólar era/é a moeda de referência no sistema internacional. O papel do dólar como moeda de referência era/é sustentado, em última instância, pelo

poder militar estadunidense. A macroeconomia de Reagan, como aponta Navarro (1991, p.189-210) pode ser caracterizada como *keynesianismo* militarista, em oposição ao clássico *keynesianismo* social. Já que não houve uma diminuição do Estado durante o governo, o que se deu foi uma explícita política de transferências de recursos para as elites.

Gráfico 1: Gastos em Defesa dos EUA (1976-2016)¹²



Fonte: SIPRI Military Expenditure Database. Elaboração Própria.

O militarismo subjacente ao governo Reagan não ficou restrito ao período, como se pode observar no Gráfico 1. Os anos de George W. Bush também foram de expansão militar e austeridade. O *neoconservadorismo* e seus pilares tornaram-se alicerce dos governos republicanos pós anos 1980. Muito embora ainda não haja dados suficientes

¹⁰ Fonte: Stockholm International Peace Research (Sipri, 2016)

¹¹ O salário mínimo manteve-se congelado durante os anos de Ronald Reagan em um valor de \$3,25 dólares por hora de trabalho. Disponível em: Trading Economics (2016).

¹² Valores em USD de 2016.

do governo de Donald Trump, tudo indica que o seu governo seguirá o mesmo caminho, já que o presidente já solicitou um orçamento de \$700 bilhões¹³ para a defesa no ano de 2018. Outrossim, documentos importantes, como o *Republican Platform*¹⁴, de 2016, e a *National Security Strategy*¹⁵, publicada pela Casa Branca em dezembro de 2017, ressaltam a necessidade de expansão dos gastos militares e reiteram os valores *neoconservadores*. Os governos *neoconservadores* possuem em comum a transferência dos recursos da sociedade para o setor militar, além do unilateralismo intervencionista e a defesa do exepcionalismo norte-americano. No entanto, de que modo, na prática, como tais governos conseguem extrair os recursos da sociedade para cumprir com sua agenda? Para melhor responder tal indagação, recorrer-se-á, na seção seguinte, ao estudo de caso do SDI durante os anos de Ronald Reagan.

2- *Ronald Reagan e o SDI*

A equipe de Ronald Reagan construiu sua campanha eleitoral em 1980, com um tom crítico aos governos democratas que, segundo eles, haviam enfraquecido os Estados Unidos. Para os mesmos, a crise

possuía uma faceta dupla, um inimigo interno e o outro externo, a economia e o enfraquecimento diante da União Soviética, respectivamente. Ronald Reagan possuía imensa habilidade retórica e o governo valia-se dessa habilidade para contornar a oposição congressional, de maioria democrata, no começo da década de 1980. Através de discursos televisivos, Reagan apelava para o povo estadunidense pressionar o Congresso para aprovar seus projetos. No plano da política exterior e da política de defesa, Reagan advogava por um aumento monumental dos gastos, um *military build-up*, sem precedentes. Historicamente, tais projetos foram justificados através da alteridade estratégica. É sempre necessária a construção do *outro*, através do discurso e muitas vezes respaldando uma ameaça real. No entanto, a ameaça que representava a URSS naquele período foi muitas vezes exagerada para a elite conseguir aprovar seus projetos e talvez, principalmente, o SDI. Ademais, no que concerne a questões relacionadas à defesa, faz-se necessário a coesão interna das elites, bem como o apoio de fragmentos importantes da sociedade. Ver-se-á, na sequência, como tal base de

¹³ Ver em: The Chicago Tribune (2017).

¹⁴ Ver: Republican National Committee. Republican Party Platform 2016.

¹⁵ Ver: U.S White House. *National Security Strategy* (2017).

apoio foi consolidada pela equipe de Reagan.

2.1- Coesão das elites e construção da ameaça

Em uma visita ao *North American Aerospace Command* (NORAD), no dia 31 de julho de 1979, Ronald Reagan descobriu o quão vulnerável os Estados Unidos eram a um ataque nuclear. Se a URSS **lançasse** um míssil, os Estados Unidos saberiam de imediato. No entanto, teriam apenas 15 minutos, no caso dos *Submarine Launched Ballistic Missiles* (SLBM's), e 25 minutos, no caso dos *Intercontinental Ballistic Missiles* (ICBMs), para reagir. As únicas opções seriam lançar mísseis em retaliação ou nada fazer. Muito embora Reagan fosse aconselhado a não propor mudanças na política nuclear durante a campanha, o documento "*The Republican Platform 1980*" já esboçava a ideia inicial do SDI, propondo:

criar uma estratégia e defesa civil que virá a proteger a população americana contra a guerra nuclear tão bem quanto a população soviética está protegida (...) e aprofundar pesquisas vigorosas e o desenvolvimento de um sistema de defesa contra mísseis balísticos, de tal forma como já está posto na União Soviética, assim como tecnologias 'anti-ballistic missile' (ABM) mais modernas.

A *alteridade* em relação ao bloco socialista foi cuidadosamente construída pela equipe de Reagan. Em um discurso

proferido por Reagan para a *Congressional Delegation of Evangelicals*, o presidente imortalizou a expressão "*Evil Empire*" ao se referir à URSS, quando afirmou que os Estados Unidos não deveriam "ignorar os fatos históricos e os impulsos agressivos de um império maligno, chamar a corrida armamentista simplesmente de um tremendo desentendimento e, portanto, retirar-se da luta entre o certo e errado, entre o bem e o mal" (Reagan, 1983b). Para anunciar o SDI, a equipe de Reagan elaborou o discurso proferido pelo presidente no dia 23 de Março intitulado "*Adress to the Nation on Defense and National Security*". Reagan abriu o discurso afirmando que "Esse assunto envolve a 'mais básica tarefa' que qualquer presidente e o seu povo compartilham, o dever de proteger e fortalecer a paz" (Reagan, 1983a). Reagan afirmou que o SDI:

Isso é parte de um cuidadoso plano de longo-prazo para fazer a América forte novamente depois de muitos anos de negligência e erros. Nossos esforços para reconstruir as defesas dos Estados Unidos e fortalecer a paz começaram há dois anos quando requisitamos um grande aumento para o programa de defesa" (Reagan, 1983a).

Na perspectiva deste trabalho, entende-se que, além do convencimento da população, as elites conservadoras buscaram, através do discurso supracitado, pressionar o Congresso para

aprovar seu orçamento em defesa. Reagan argumentou que o orçamento para defesa não podia ser calculado com base em uma perspectiva aritmética conforme os liberais no Congresso estavam propondo. Era necessária a avaliação cuidadosa do *establishment* militar das necessidades de segurança do país e de seus aliados. No mesmo discurso, Ronald Reagan apresentou uma série de dados que demonstravam o suposto fortalecimento da União Soviética frente à “obsolescência” dos armamentos estratégicos e convencionais estadunidenses. Reagan finalizou seu discurso com um apelo:

(...). Eu convoco a comunidade científica de nosso país, aqueles que nos deram as armas nucleares, para direcionar seus imensos talentos as causas da humanidade e paz mundial, para nos dar os meios de tornar essas armas nucleares impotentes e obsoletas (...) Estou direcionando um intenso esforço para definir um projeto de pesquisa e um programa de desenvolvimento em longo prazo para começar a alcançar nosso objetivo último de eliminar a ameaça posta por mísseis nucleares estratégicos. Meus caros americanos, essa noite estamos iniciando um esforço que possui a promessa de mudar o curso da humanidade (Reagan, 1983a).

A exaltação da ameaça soviética e a campanha publicitária das elites que apoiavam Reagan trouxeram resultados. Mesmo em meio à crise econômica, em pesquisa¹⁶ realizada em setembro de 1984,

80,2% dos entrevistados declararam-se a favor da tentativa do governo de desenvolver um sistema defensivo contra mísseis nucleares e bombardeadores. Não obstante, não é apenas através do discurso e oratória oficial que uma política se torna vencedora, é necessário sólido apoio dos grupos ligados ao poder material, como se verá a seguir.

2.2- As elites econômicas e a definição da agenda de defesa

Na complexa fábrica de interesses sociais, a destilação de modelos explicativos dos interesses das elites é uma tarefa árdua. No entanto, devido à grande disponibilidade de acervos histórico-institucionais, há boas maneiras de abordar-se essa problemática no estudo dos Estados Unidos. As elites reúnem-se em associações empresariais, clubes, partidos e *think tanks*, dentre outros. Alguns *think tanks* são projetos explicitamente advogados por setores dos altos círculos da economia e política estadunidenses. No caso dos governos de Reagan e seus principais programas militares - míssil MX, bombardeadores B-1, míssil D-5, submarinos Trident e o SDI - alguns *think tanks* e *lobbies* de maneira mais geral cumpriram papel fundamental

¹⁶ As pesquisas de opinião pública discutidas no presente tópico foram retiradas da obra de Pain (1986).

na idealização e na concretização dos mesmos, do Pentágono à Casa Branca.

No que concerne aos *think tanks*, dois foram fundamentais para a implementação do SDI: o *Heritage Foundation* e o *High Frontier*. O último, com sede na Virgínia, era especializado em defesa antimísseis, fundado pelo General Daniel Graham, conselheiro de Ronald Reagan. O *High Frontier* publicou importantes documentos sobre o SDI, como o “*High Frontier: A New National Strategy*” que manifestava as visões da organização a respeito de sistemas defensivos baseados em terra e no espaço que poderiam identificar e, através da utilização de raios-

laser, destruir mísseis balísticos. De acordo com Abelson (2006, p. 199), a *Heritage* foi citada 119 vezes de maneira impressa e 2 vezes na televisão em referência ao debate sobre a defesa contra mísseis balísticos em um período de cinco anos. Alguns *think tanks* fizeram campanha contra o SDI, naturalmente, pois as elites não eram inteiramente coesas. Alguns desses *think tanks*, de alta influência foram a *Brookings*, a *Carnegie* e o *Union of Concerned Scientists*. Os *think tanks* são também representativos de interesses materiais concretos que atuam na articulação política mais avidamente, através dos *lobbies*.

Tabela 2- Os Maiores Contratantes do SDI nos Anos Fiscais (AF) 1983-1986 em \$milhões

Empresa	\$ Valor dos contratos nos AF de 1983-1986	% dos Contratos nos AF de 1983-1986
Lockheed	720.9	9.8
General Motors	612.6	8.4
DOE Lawrence Livermore Nat'l Lab	375.4	5.1
Boeing	373.6	5.1
TRW	373.1	5.1
EG&G	360.3	4.9
McDonell Douglas	338.2	4.6
MIT Lincoln Labs	327.5	4.5
DOE Los Alamos Nat'l Lab	285.5	3.9
General Electric	260.7	3.6
DOE Sandia Nat'l Lab	226.5	3.1
Rockwell Int'l	197.4	2.7
Teledyne Inc.	181.1	2.5
Gencorp Inc.	175.4	2.4
SDI Institute	125.0	1.7
Textron	120.3	1.6
LTV Corp	105.6	1.4
Flow General	90.2	1.2
Raytheon Co.	81.8	1.1
Martin Marietta	77.7	1.1
TOTAL	5,409,706	73.8%

Fonte: Pianta, M., 1988¹⁷. Elaboração Própria.

¹⁷ Pianta (1988), em sua tese, sustenta a importância do fator tecnológico para a resolução da crise de hegemonia que os Estados Unidos atravessaram à época.

Os maiores contratantes dos primeiros anos fiscais do programa foram empresas de grande peso econômico, incluindo a 2^a, 11^a, 34^o e 56^o maiores empresas do mundo em 1983¹⁸, respectivamente a *General Motors*, *General Electric*, *Boeing* e a *Lockheed*. Tal fato pesa imensamente quando o Congresso vota os orçamentos anuais, evidentemente. O poder do *lobby* do complexo industrial-militar nos Estados Unidos, significou, historicamente, a opção do desenvolvimento pela via militar por parte das elites, onde destacam-se outros programas além do SDI, como o Apollo e o Projeto Manhattan. Esses três programas são excelentes exemplos de como a estratégia de defesa mobiliza e une as elites econômica, política e militar. Ademais, diversos *spill-overs* provenientes da pesquisa em alta tecnologia tornam-se produtos de uso civil. Outro fator essencial para uma melhor compreensão da dinâmica econômica de projetos como SDI é a ligação entre o setor militar e o acadêmico¹⁹. Um projeto de tal envergadura dificilmente se sustentaria sem o apoio do partido, das grandes

empresas, de setores relevantes da mídia, do meio intelectual e do Pentágono.

Conclusão

Para compreender de que modo o Estado é bem-sucedido em mobilizar extrair recursos afim de executar sua estratégia, é necessário analisar o processo de tomada de decisão em política externa e segurança. Há de se levar em conta os diferentes grupos de interesse no plano doméstico que influenciam tais políticas. Argumenta-se, aqui, que nos projetos ligados à defesa, como o SDI, há uma coesão maior das elites. Tais projetos necessitam dessa coesão para mobilizar as diferentes forças domésticas, mesmo em tempos de crise econômica. A superação da crise da década de 1970, deu-se, nos Estados Unidos, em torno do projeto neoconservador. A população ficou à mercê do neoliberalismo e das altas finanças e, no entanto, de maneira geral, apoiou os projetos militares da época e o governo Ronald Reagan. A transferência dos recursos sociais para os militares era de interesse das elites. A construção do discurso, o apoio da mídia, das elites

¹⁸ Fortune Magazine (1983).

¹⁹ No caso do SDI, dezenas de universidades e centros de pesquisa de ponta estiveram ligados ao projeto, entre eles, a Caltech, o MIT e a Standord University. Ver: (Zegveld;

Enzing 1987, p. 89). Para um bom conceito acerca do “complexo militar-industrial-acadêmico, ver: (Medeiros, 2004, p. 226).

econômicas e intelectuais tornou o projeto neoconservador vencedor.

No advento do SDI, o complexo industrial-militar mostrou-se o “ator” mais decisivo na formulação de políticas públicas. Esse fato se dá porque o complexo industrial-militar consegue, diferente de outros lobbies mais pontuais, exercer imensa influência na

população através do medo, nas empresas através de grandes contratos, na economia em geral através da tecnologia, e no governo através da relação estreita entre generais, o alto-escalão do executivo, legisladores e as grandes produtoras de armamentos. A análise dessas elites permite tornar mais inteligível o processo de decisão em política externa e defesa.

Referências Bibliográficas

Abelson, D. E. (2006). *A Capitol Idea: Think Tanks and U.S Foreign Policy*. Quebec: Mc-Gill-Queen’s University Press.

Arrighi, G. (1996). *O longo século XX: Dinheiro, Poder e as Origens de Nosso Tempo*; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP.

Chesnais, F. (1998). “Mundialização financeira e vulnerabilidade sistêmica”, in: Chesnais, F. (Org). *A mundialização financeira: gênese, custos e riscos*. Tradução: Carmem Cristina Cacciarro. São Paulo: Xamã Editora.

Dreifuss, R. A. (1987). *A Internacional Capitalista. Estratégias e táticas do empresariado transnacional: 1918-1986*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.

Eisenhower, D. (1961). The Farewell Adress, pp. 13-15. Disponível em: https://www.eisenhower.archives.gov/research/online_documents/farewell_address/Reading_Copy.pdf. (Acesso em: Junho de 2017).

Fiori, J. L, Medeiros, C & Serrano, F. (2008). *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Record.

Fortune Magazine (1983). Fortune 500. Disponível em: http://archive.fortune.com/magazines/fortune/fortune500_archive/full/1983/. (Acesso em: Setembro de 2016).

Harvey, D. (2008). *Neoliberalismo: história e implicações*. Edições Loyola, São Paulo.

Historical Tables: Budget of the U.S Government. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/omb/budget/Historicals>. (Acesso em: Janeiro de 2016).

Jervis, R. (1997). *System Effects: complexity in political and social life*. New Jersey: Princeton University Press.

Kagan, R; Kristol, W. (2000). *Present dangers: Crisis and opportunity in American Foreign and Defense Policy*. San Fransisco: Encounter Books.

Katzenstein, P. (1976). "International Relations and domestic structures: foreign economic policies of advanced industrial states". *International Organization: Wisconsin University Press*, 30 (1), pp. 1-45, Dez.

Kennedy, P. (1989) *Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000*; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus.

Kindleberger, C. (2013). *The World in depression*. Los Angeles: University of California Press.

Krauthammer, C. (2004). *Democratic Realism: An American Foreign Policy for a unipolar World*. Washington DC: The AEI Press.

Kristol, I. (2004). 'A conservative welfare State', in: Stelzer, Irwin (org.). *The Neocon Reader*. Nova York: Grove Press, pp. 33-37.

Milliband, R. (1982). *O Estado na Sociedade Capitalista*; Tradução de Fanny Tabak. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Mintz, A; DeRouen, J. (2010). *Understanding Foreign Policy Decision Making*. Nova Iorque: Camdridge University Press.

Navarro, Vicente. (1991). "Welfare e "Keynesianismo Militarista" na Era Reagan". *Lua Nova*, nº24: Setembro, pp. 189-210.

Pain, K. B. (1986). *Strategic Defense: "Star Wars" in perspective*. Boston: Hamilton Press.

Pianta, M. (1988). *New technologies across the Atlantic: US leadership or European autonomy?*. Tokyo: Harvester-Wheatsheaf, Hemel Hempstead and United Nations University

Project for the New American Century. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20130112203305/http://www.newamericancentury.org/>. (Acesso em: maio de 2017).

Putnam, R. (1988). “Diplomacy and domestic politics: the logic of Two-Level Games”. *International Organization*, 42(3), pp. 427–460.

Republican National Committee. (2016). Republican Party Platform 2016. Disponível em: [https://prod-cdn-static.gop.com/media/documents/DRAFT_12_FINAL\[1\]-ben_1468872234.pdf](https://prod-cdn-static.gop.com/media/documents/DRAFT_12_FINAL[1]-ben_1468872234.pdf). (Acesso em: 22 de dezembro de 2017).

Ripsman, N. M.; Taliaferro, J. W.; Lobel, S. E. (2016) *Neoclassical Realist Theory of International Relations*. Oxford: Oxford University Press.

Ronald Reagan Presidential Library & Museum. (1983a). Address to the Nation on Defense and National Security. Disponível em: <https://reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1983/32383d.htm>. (Acesso em: Agosto de 2015).

_____. (1983b). Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando. Disponível em: <https://reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1983/30883b.htm>. (Acesso em: Agosto de 2015).

Schweller, R. L. (2006). *Unanswered Threats: political constraints on the Balance of Power*. Princeton: Princeton University Press.

Stockholm International Peace Research (SIPRI) (2016). SIPRI Military Expenditure Database. Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/milex>. (Acesso em: Julho de 2016).

Tavares, M.C. (1997). “A retomada da hegemonia norte-americana”, in: Tavares, M.C Fiori, J.L, *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis: Editora Vozes.

Teixeira, C. G. P. (2010). *O Pensamento Neoconservador em Política Externa nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora UNESP.

The American Presidency Project. (1980). The Republican Platform of 1980. Disponível em: <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=25844>. (Acesso em: Julho de 2016).

The Chicago Tribune. (2017). Trump signs \$700 billion military budget into law. Disponível em: <http://www.chicagotribune.com/news/nationworld/politics/ct-trump-military-budget-20171212-story.html>. (Acesso em: Janeiro de 2018).

Trading Economics. United States Minimum Wage Hourly. Disponível em: <http://www.tradingeconomics.com/united-states/minimum-wages>. (Acesso em: Agosto de 2016).

U.S White House. National Security Strategy. (2017). Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>. (Acesso em: 22 de dezembro de 2017).

Wolfson, A. (2004). “Conservatives and Neoconservatives”, in: Steltzer, I. (org) *The Neocon Reader*. Nova York: Grove Press, pp. 213-231.

Zegveld, W; Enzig, C. (1987). *SDI and industrial technology policy: Threat or Opportunity?*. New York: St. Martin's Press.